



GT 11. Antropologia das Práticas Juvenis

Coordenador(es):

Frank Nilton Marcon (UFS - Universidade Federal de Sergipe)

Mylene Mizrahi (PUC-RIO - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

O presente GT tem como objetivo reunir trabalhos resultantes de pesquisas em conclusão ou em andamento, que tenham como foco de investigação as práticas juvenis em suas mais diversas expressões. Mudanças sociais, políticas e culturais ocorridas no ocidente, especialmente na segunda metade do século XX, produziram alterações significativas nas subjetividades juvenis, promovendo mudanças no conjunto das experiências que por muito tempo definiram os sentidos de “ser jovem” e “ser adulto”. Atualmente, as pesquisas antropológicas tem lançado mão de diferentes abordagens teóricas e metodológicas para a compreensão das práticas juvenis, das quais se destacam a influência das teorias da agência, dos estudos sobre performativity, das abordagens disposicionalistas, como também de uma releitura dos Cultural Studies. Desse modo, fazer uma antropologia das práticas juvenis em nosso atual contexto, trata-se não apenas de estar atento às mudanças nos repertórios de sentidos acionados pelos/as jovens, como também de se abrir para possibilidades interpretativas advindas de outros campos do saber. Serão aceitas para o debate nesse grupo de trabalho, pesquisas, especialmente etnografias, que se dediquem ao estudo das práticas juvenis a partir de diferentes temas, tais como: sociabilidades e territorialidades; gênero, sexualidade e relações étnico-raciais; educação, trabalho e profissionalização; arte, estética e performativity; entre outros

Trajetórias de vida e performances políticas de jovens Sem Terra: etnografia entre estudantes da UFFS ? campus Laranjeiras do Sul-PR

Autoria: Fernanda Marcon (UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul)

Este work é parte da etnografia proposta pelo projeto de pesquisa: ?Resistir no campo: etnografia das performances políticas de jovens indígenas e Sem Terra no Paraná? e analisa as trajetórias de vida de jovens Sem Terra, estudantes do curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas-Licenciatura, da UFFS campus Laranjeiras do Sul-PR. Os relatos dos jovens sobre suas trajetórias de vida se entrelaçam à participação no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), seja a partir de uma participação mais antiga, desde a infância e que se estende aos pais e outros familiares, seja uma participação mais recente e autônoma, quando não há a mediação de parentes. As memórias e a forma de as narrar também constituem as performances políticas destes jovens na medida em que a participação no MST inclui diferentes atividades formativas e que reforçam o vínculo e a identidade com as reivindicações do movimento. Além disso, os cursos de licenciatura em Educação do Campo realizam um diálogo entre as instituições de ensino superior e a coordenação de educação do MST, que compreende a formação de educadoras/es para as escolas do campo como fundamental na luta por reforma agrária. Nesse sentido, os estudantes que ingressam na licenciatura em Educação do Campo ? Ciências Sociais e Humanas na UFFS compreendem esse processo como a continuidade e qualificação de sua formação militante e possibilidade de um outro lugar de participação no movimento, quando tornam-se eles próprios ?educadoras/es?. A reflexão sobre as trajetórias de vida contribuiu para os propósitos da etnografia em analisar as performances políticas dos jovens Sem Terra a partir de diferentes aspectos que constituem a militância e participação no movimento, sobretudo como essa participação implica em um modo particular de ser jovem, de conceber essa categoria e se relacionar com ela em distintos espaços de militância.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: